

Criação científica e artística.

(Conferência na Maison de la Culture, Chalon s/Saône, 26/3/82)

A crise da ciência moderna, (Husserl), é no fundo crise do conhecimento moderno. A meta da ciência moderna é conhecimento "objetivo". Tal meta vai se revelando inatingível e indesejável. Enquanto a meta for esta, a ciência será fonte preferencial de todo conhecimento. Todas as demais disciplinas, (arte, política, filosofia, religião), fornecem conhecimentos menos que objetivos. Esta a razão porque, durante a Idade moderna, todas essas disciplinas se esforçam, debalde, a se "cientifizarem". Mas, abandonada a meta da objetividade, todas as disciplinas passarão a ser fontes equivalentes de conhecimento. A equivalência, e a complementaridade, do conhecimento científico e artístico será o tema a ser discutido.

A ciência moderna se inicia por reformulação do conceito "teoria". Para os gregos, "teoria" é visão de formas "dadas", imutáveis: das ideias armazenadas no transcendente. Para os gregos, "praxis" é a aplicação das formas teóricamente vistas sobre as aparências do mundo. Não há pois divórcio entre teoria e praxis, entre "episteme" e "techne". O "cientista" confia a forma vista por ele ao "artista", para que este a aplique. Que imprima a forma do sapato, vista pelo "cientista", sobre o couro. Nem há divórcio entre "ciência" e filosofia. As formas vistas são sabedoria. Nem entre "ciência" e religião. As formas vistas são os "deuses", (eternas).

Para a ciência moderna, (a ciência sensu stricto), "teoria" não mais é visão de formas "dadas", mas criação de formas "feitas". As formas deixam de ser "ideias", e passam a ser "modelos". A ciência cria modelos, afim de captar as aparências, explicá-las e alterá-las. Destarte surge dialética entre forma e aparência, teoria e observação; teorias são feitas para permitir a observação, e observações são feitas para permitir a elaboração de novas teorias. Tal dialética é o método da ciência moderna. Sua extraordinária dinâmica se deve ao fato que observações são feitas, não para comprovar, mas para refutar teorias já feitas. Destarte surgem sempre novas teorias. É a dinâmica do "progresso", este conceito que não tem sentido antes da Idade moderna.

Tal reformulação de "teoria" tem por consequência a técnica: toda nova teoria exige nova praxis, (técnica), e toda nova técnica provoca nova teoria. E isto implica curiosa reformulação do conceito "arte". Surge um tipo de praxis, jamais visto antes, que não participa diretamente da dialética "ciência-técnica", e que consiste na criação de formas "estéticas", isto é: vivenciadas. Tais formas não têm valor epistemológico no significado científico do termo. Tal "arte moderna" é pois eliminada da correnteza do progresso, e, embora ideologicamente glorificada, é efetivamente expulsa da vida quotidiana e encerrada em ghetto. A função tradicional da arte, a de imprimir formas teóricas sobre as aparências, é doravante assumida pela técnica.

Simultaneamente vai sendo reformulado o conceito "filosofia". Se não mais há "formas imutáveis" a serem contempladas, a filosofia passa lentamente a mera teoria das teorias científicas, a metadiscorso de mais em mais abstrato. E quanto à religião esta acaba sendo ou expressão de ideologias "pré-científicas", ou de preocupações existenciais, sobretudo da morte. Ainda falarei sobre o impacto da ciência moderna sobre a política, a ética, em suma sobre a vida quotidiana.

A teoria moderna, tal criação de modelos captadores das aparências, repousa sobre hipótese ontológica nem sempre claramente conscientizada. O homem seria capaz de transcender as aparências, vê-las de "fóra", "objetivamente". Mas é preciso constatar que os modelos criados em tal transcendência têm a estrutura da razão humana: a da lógica e da matemática, e não são "transhumanos". Para poder dar o salto rumo à tal curiosa transcendência, o aprendiz de cientista deve passar por espécie de iniciação, espécie de catarse. Deve purificar-se de valores, sejam eles políticos e éticos, sejam estéticos, e conservar apenas a sua "razão pura". Destarte os modelos teóricos que ele vir a criar serão "conhecimento objetivo", isento de preconceitos. Conhecimento "wertfrei"=isento de valores. Os modelos da teoria científica serão "acima" da ética, da política, da arte, em suma "acima" do mundo que visam captar para conhecê-lo e alterá-lo.

A crise da ciência moderna é consequência de dupla crítica à tal hipótese ontológica nem sempre conscientizada. (1) Tal transcendência "objetiva" é impossível. Não importa o que o homem faz, inclusive quando conhece, o homem continua preso ao mundo. Isto é: preso aos valores. Os modelos da teoria científica não são isentos de valores, mas são modelos que se querem isentos de valores, portanto são, eles próprios, valores. Isto é: valorizam a "razão pura". Mais ainda: sobrevalorizam a razão "pura". O que fornecem não é "conhecimento transcendente, objetivo", mas conhecimento parcial, relativo a determinado ponto de vista. Por exemplo: pezos não caem "objetivamente" com aceleração geométrica, mas o fazem do ponto de vista ~~da razão estruturada matematicamente~~ da razão estruturada matematicamente. A objetividade não é atingível pelo homem. (2) Tal curiosa transcendência seria indesejável, se fosse possível. Cientistas não são superhomens, mas gente amputada dos valores, gente handicpada, infrahomens. Seu conhecimento extra-ético, extra-político, extra-estético, é na realidade conhecimento des-etizado, despolitizado, anestético, conhecimento truncado e portanto neste sentido falso. Leva a abstrações de mais em mais isento, não de valores, mas de sentido. O universo das ciências teóricas é de mais em mais universo "vasio", e as alterações operadas no mundo pela técnica são de mais em mais absurdas. Em outros termos: se a ciência e técnica funcionam, são infrahumanas, e se são humanas, não funcionam. Destarte a busca da objetividade vai se revelando simultaneamente erro e crime.

Quem diz que o homem está sempre no mundo, está dizendo que o homem está sempre com outros homens. Que tudo que vai conhecendo, vivenciando e valorizando é conhecido, vivenciado e valorizado graças a outros, em conjunto com outros, e para outros. Até os conhecimentos, vivências e valores aparentemente mais solitários. O conhecimento científico se quer conhecimento transcendente, do tipo de um deus solitário que tem visão objetiva. Se tal conhecimento for possível, (o que não é o caso), seria conhecimento absurdo. Todo conhecimento humano, para ser conhecimento, deve ser intersubjetivo. A objetividade e a subjetividade, (ciência e arte no significado moderno dos termos), não passam de horizontes abstratos da relação concreta que é o conhecimento intersubjetivo. Em outros termos: todo conhecimento é concretamente político, e a ciência e arte modernas não passam de duas avenidas de acesso a tal concreticidade. Ciência e arte se concretizam politicamente.

A política é o campo concreto de interrelações humanas no qual ciência e arte, (objetividade e subjetividade), se sobrepõem uma à outra afim de produzirem conhecimento concreto, intersubjetivo. Portanto política não é nem ciência, nem arte, mas é ambas as coisas e mais que ambas as coisas. O divórcio entre ciência e arte, tão característico da modernidade, destruiu o campo político, tal qual existiu na Idade média e na antiguidade. A ciência moderna despolitizou a vida com sua pretensa objetividade, e a arte moderna com sua (menos pretensa), subjetividade. O que restou no espaço político são teorias pseudo-científicas e expressões de emoções pseudo-estéticas, portanto política em sentido perigosamente sub-humano. A política em seu significado plenamente humano, (a polis clássica e a catolicidade medieval), se perdeu. Perdeu-se o sentido da co-vivência, do co-côhecimento, da co-valorização, em suma: o sentido da vida.

A tendência atual na Europa e nos Estados Unidos de ultrapassar o divórcio entre a ciência e a arte não é pois mero engajamento epistemológico e estético, mas engajamento em nova sociedade. Não apenas tentativa de ultrapassar a crise da ciência e da arte, mas também a crise da sociedade. Libertar a arte do seu ghetto e fazer com que substitua a técnica, e libertar a ciência da sua crise epistemológica ao abri-la ao momento estético, é também e sobretudo libertar a sociedade do perigo da tecnocracia, e abrir campo para novas formas políticas insuspeitas.

Não discutirei o termo nebuloso "criação", mas lembrarei o approach informático que sugere que informação nova é criada por introdução de ruídos em informações redundantes. Isto é: o novo é criado ao se abrir o velho para o não-ainda-articulado. Neste sentido não há diferença entre criação em ciência e em arte. Os cientistas sempre se têm aberto para vivências não-articuladas, e os artistas para conhecimentos não-articulados. Toda criação científica é "obra de arte", toda artística "articulação de conhecimento". Por exemplo: é fácil mostrar a vivência barroca no sistema de Newton, a romântica no sistema de Darwin, a geometria perspectivista nas pinturas renascentistas, e a matemática dos conjuntos na composição de Schoenberg. O que é preciso fazer é levar ao nível da consciência tal ligação subterrânea que sempre tem unido ciência e arte. Tal ligação ininterrupta entre vivência e conhecimento deve ser concientizada, se quisermos ter vivências e conhecimentos plenamente humanos, isto é: políticos, intersubjetivos.

Romper a barreira entre ciência e arte, fazer com que as faculdades científicas e as escolas de arte se confundam, significa abolir a técnica no sentido moderno. Técnica será novamente sinônimo de arte, como o foi antes da Idade moderna, tecnologia será sinônimo de estética, e o perigo da tecnocracia terá sido conjurado. Porque a criação de novas formas, e sua aplicação ao mundo, voltará a ser o que sempre tem sido antes da Idade moderna: criação e aplicação de formas vivenciadas, conhecidas e valorizadas. Quando os técnicos serão artistas e os artistas técnicos, o discurso científico passará a ser informado pelas vivências, o fazer artístico pelas teorias científicas, e tudo, teoria e praxis, serão informados pelos valores ético-políticos da sociedade, como o era antes da Idade moderna. O ideal platônico da verdade enquanto kalokagathia, o ideal romano do "pulchre, bene, recte", readquirirá sua validade, e o atual clima do absurdo da vida terá sido superado.

A utopia que acabo de esboçar parece estar ao alcance. Os cientistas se tornam de mais em mais conscientes do seu problema epistemológico que é o fato de "descobrirem" no fundo das aparências apenas as estruturas da sua própria razão, as quais para lá projetaram. Os técnicos sofrem de mais em mais de consciência da sua responsabilidade política, e começam a fazer face a isto. Os artistas se sentem de mais em mais expulsos da sociedade, e sabem que são desempregados natos. E a cena política revela de mais em mais o perigo de uma tecnocratização subhumana. De maneira que tudo parece apontar a solução da crise: síntese de ciência e arte sob o signo da política, e superação da técnica por ciência informada pela arte, e arte cientifizada. No entanto, tal otimismo seria prematuro. Inúmeros preconceitos dos cientistas, técnicos, artistas e políticos, e inúmeros interesses "investidos" obstam o caminho: o velho se defende do novo. O propósito desta conferência é precisamente de contribuir para a conscientização do problema.

17/3/82

Meu caro Milton: isto como contribuição para a tua "filosofia da tecnologia"

Abracos.

